

Os Bailes de Formatura

Quem viveu a mocidade nas décadas de 50 e 60 em São Paulo, há de lembrar-se dos bailes de formatura. Eram frequentes nos meses de férias de fim de ano e início do próximo. Os mais concorridos aconteciam no Clube Homs, na Av Paulista. Os do Clube Pinheiros também eram frequentes. O ritual dos bailes era o mesmo. Uma boa orquestra, um amplo salão com a pista central, rodeada de mesas onde sentavam, geralmente os pais e familiares dos formandos. O vestuário padrão era o “smoking” preto para os rapazes. Terno preto com lapela de cetim, uma larga cinta também de cetim na cintura e a gravata borboleta, tendo a camisa branca como fundo. As moças iam sempre de vestidos longos, geralmente brancos e com a saia rodada. Penteados esmerados, colares, brincos vistosos e salto alto.

Os bailes começavam por volta das 22 horas e acabavam sempre às 4 horas da madrugada. A música, ao vivo, era mantida por orquestras numerosas que contavam com vários músicos e cantores, alguns de sucesso como Agostinho do Santos.

As orquestras mais conhecidas e mais populares eram a de Silvio Mazuca e do maestro Totó. A música variava entre os boleros, o mambo, o samba, o samba canção e o rock. Nesta época surgia Elvis Presley e seus sucessos agitavam o salão. Havia ainda a hora da valsa, quando os formandos dançavam com seus padrinhos.

Mas o mais gostoso era a paquera. Os rapazes passeavam pelas mesas e quando encontrava um olhar correspondido, tirava a moça para dançar, claro com a concordância dos pais. E se depois de algumas contradanças os pares continuavam, aí então vinha o momento mais emocionante. Era dançar de rosto colado, às vezes, os corpos unidos, embalados por um calmo bolero ou samba-canção. Quando isso acontecia o mesmo casal repetia as contradanças até o fim do baile, e isso podia ser o início de um namoro ou uma noite prazerosa e nada mais.

Eram as férias escolares e os rapazes trocavam informações sobre os próximos bailes. Às vezes, frequentavam até três ou quatro bailes numa semana. O convite conseguia-se na porta. Sempre sobrava algum e a gente entrava. Ou então, esperava-se a orquestra e um músico conhecido emprestava um instrumento e lá íamos nós para dentro do salão. Os bailes eram tranquilos. A moçada comportava-se bem e raramente saía uma discussão ou uma briga, motivada por ciúmes de algum namorado traído. Ao sair, algumas vezes, terminava a noite com um café no bar do Aeroporto de Congonhas e de lá cada um seguia seu rumo, em segurança e sem preocupações.

Comparando com as baladas atuais, os bailes de formatura eram muito mais prazerosos e deixaram lembranças maravilhosas, emocionantes e muita saudade.

(Celso Valio Machiaverni - SP)